



TARA SIVEC

Malícias & Delícias

CUIDADO:

Esta história de amor pode matar você de tanto rir.
Ah, e está escandalosamente lotada de porres homéricos e,
hummm, sexo da melhor qualidade!



valentina 



TARA SIVEC, autora best-seller do *USA Today*, mãe, esposa, motorista, dona de casa, babá, de bem com a vida, divertida por natureza... vive em Ohio com o marido e os dois filhos do casal (e sonha com o dia em que os TRÊS se tornarão adultos!).

Depois de catorze anos no ramo da corretagem, decidiu pegar papel e caneta (antes que acabasse morrendo de tédio) e começar a carreira de escritora. *Malícias & Delícias* foi finalista do Prêmio Goodreads e venceu o Indie Romance Convention Reader's Choice Awards na categoria autopublicação (melhor romance de estreia).

Tara gasta seu tempo livre sonhando com malícias, delícias, bolos de chocolate e com uma boa cochilada depois do almoço (isso assim que arrumar tempo livre!!!).

Visite Tarasivec.com e descubra quão divertida ela é.

Claire é uma espirituosa jovem de vinte e poucos anos que trabalha num bar (não era esse o plano, mas...) e, muito a contragosto, resolveu ajudar a melhor amiga (uma expert em malícias) a vender brinquedos eróticos bem safadinhos. Na verdade, seu sonho é viver de delícias, ou melhor, abrir uma confeitaria dedicada exclusivamente a doces, cookies e bolos feitos com muuuito chocolate.

Quando Carter, um rapaz que conheceu numa festa de faculdade e com quem passou uma única noite (o suficiente para mudar sua vida para sempre!), reaparece na cidade sem demonstrar reconhecê-la, a não ser pelo profundo aroma de chocolate que Claire exala no ar, ela se mostra determinada – aaaai que loucura! – a fazê-lo nunca mais se esquecer dela.

Só que existe uma terceira pessoa na relação (divertidíssimo, porém desbocado e inconveniente). Alguém que Carter desconhece e que das duas uma: ou o obrigará a comprar uma passagem só de ida para o Polo Norte, ou o fará o homem mais feliz do mundo!!!



TARA SIVEC

Malícias & Delícias

CUIDADO:

Esta história de amor pode matar você de tanto rir.
Ah, e está escandalosamente lotada de porres homéricos e,
hummm, sexo da melhor qualidade!

Tradução RENATO MOTTA

valentina 

Rio de Janeiro, 2015

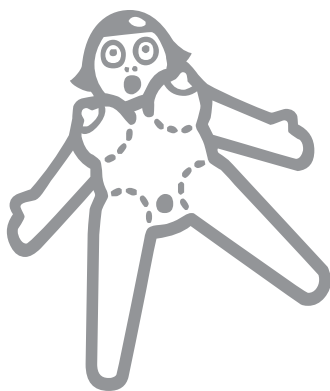
1ª Edição

Para Madelyn e Drew.

*Vocês são meu coração, minha alma e minha razão de viver.
Obrigada por me fornecerem material de sobra para um
milhão de livros. Fico muito feliz por nunca ter vendido
vocês aos ciganos.*

1

Alguém aceita um rosbife fatiado?



lá! Meu nome é Claire Morgan e eu nunca quis ter filhos.

Uma perguntinha básica para alguém como eu que esteja por aí: é só comigo ou você se sente no meio de um bizarro encontro dos Alcoólicos Anônimos quando alguém descobre que você nunca quis ter filhos? Será que eu deveria me levantar, cumprimentar respeitosamente a plateia e contar o que me levou ao sétimo círculo do inferno em que eu me vejo o tempo todo? É um circo dos horrores quando mulheres grávidas me pedem para tocar suas barrigas protuberantes e enveredam por discussões profundas sobre suas vaginas. Elas não compreendem que a palavra placenta e o termo “líquido amniótico” nunca deveriam ser usados na mesma frase. Nunca! Muito menos durante a pausa para o cafezinho da tarde.

O que me levou a essa certeza? O vídeo que minha turma assistiu na aula de biologia, na sexta série. Aquele famosão dos anos 70, que mostrava uma mulher gritando loucamente, como se estivesse sendo assassinada, suor em profusão lhe escorrendo pela cara enquanto o marido enxugava sua testa

o tempo inteiro e dizia, todo carinhosinho, que ela estava indo muito bem. Vocês chegaram a assistir? De repente a câmera se afastava para a cena do crime que rolava entre as pernas dela: o sangue, o visco grudento, os coágulos grotescos e os pentelhos pornográficos em estilo arbusto sem poda, por onde uma cabeça minúscula e, argh, gosmenta se espremia para sair. Enquanto a maioria das garotas à minha volta dizia “Ohhhhh!” com ar embevecido, quando o bebê começava a chorar, eu revirava os olhos quase vomitando e perguntava baixinho: “Que porra é essa que atacou vocês? Isso NÃO é normal.” Desde o instante em que eu assisti ao tal filme, meu lema virou: nunca vou ter filhos.

- E aí, Claire, o que você quer ser quando crescer?
- Nunca vou ter filhos.
- Claire, você já escolheu uma especialização?
- Nunca vou ter filhos.
- Quer suas batatas fritas com o quê?
- Nunca vou ter filhos.

É claro que sempre haverá gente na sua vida que acha que poderá fazer sua cabeça. Essas pessoas se casam, têm um bebê e então a convidam para visitá-las, na esperança de que você seja inundada por uma onda de emoção ao olhar pela primeira vez para o pequeno milagre que foi produzido. Para ser franca, tudo o que eu consigo é analisar a casa que elas não tiveram tempo de faxinar há mais de seis semanas, cheirar seus cabelos que parecem não ver xampu há quinze dias e perceber um olhar inquieto quando pergunto quando foi a última vez em que tiveram uma boa noite de sono. Ficam em êxtase a cada peido, sorriso ou golfada de vômito do bebê. Conseguem encaixar a palavra “cocô” em todas as conversas, e eu fico pensando comigo mesma que elas só podem estar completamente enlouquecidas.

E também existem aquelas pessoas que acreditam piamente que sua irreverência sobre o assunto é causada por algum segredo obscuro e profundo com o próprio útero, algo terrível que você tenta compensar com uma atitude pretensamente descontraída, e olham para você e para sua vagina com um ar de pena infinita. Depois, fazem fôfoca pelas suas costas e tudo vira uma horrorosa brincadeira de “telefone sem fio”, a partir da qual o mundo inteiro passa a acreditar que você tem um grave problema de fertilidade que ameaça sua vida, e que uma gravidez indesejada poderá fazer com que sua vagina desapareça numa reação de combustão espontânea e seu peito esquerdo despenque. Parem

com essa insanidade! Todos os meus órgãos funcionam perfeitamente bem e, que eu saiba, não sofro da síndrome da vagina explosiva.

A verdade nua e crua é que eu nunca me encantei nem um pouco com a ideia de expelir do meu corpo uma pessoinha que vai fazer com que minha vagina fique parecendo um rosbife fatiado para o qual nunca mais nenhum homem vai querer olhar, muito menos comer. Nunca considere essa uma cena linda e brilhante. É simples assim.

Além do mais, vamos combinar: ninguém em sua vida foi totalmente sincero com você ao conversar sobre o parto. Nem mesmo sua mãe.

“É uma dor da qual você se esquece de imediato no instante em que toma seu doce bebê nos braços.”

Papo furado. Papo FURADÍSSIMO! Qualquer amiga, prima ou a desconhecida abelhuda que você encontra na fila do supermercado e lhe diz que a coisa não é tão terrível assim é uma tremenda caozeira, mentirosa duma figa. Raciocine comigo: sua vagina tem mais ou menos a circunferência de um pênis, mas vai precisar se esticar e arregaçar até ficar do tamanho da batcaverna, para que a figurinha que sugou suas forças e cresceu nove meses dentro da sua barriga possa rastejar, rasgando tudo, até o lado de fora. Quem, em sua consciência, toparia sofrer algo dessa magnitude por livre e espontânea vontade? Você está caminhando pela rua numa boa, um belo dia, e pensa consigo mesma: “Sabe de uma coisa, está na hora de transformar minha vagina num sanduíche de rosbife fatiado com queijo cheddar, só que sem o queijo; depois vou instalar uma sela, freios e rédeas em mim mesma e permitir que uma pessoa sugue minha alma e minha vontade de viver durante pelo menos dezoito anos, até eu me transformar numa casca vazia e seca, muito diferente do que costumava ser, e eu nunca mais vou conseguir trepar com ninguém nem pagando por isso.”

Tudo bem. Passei tantos anos repetindo a ladainha de que nunca iria ser mãe que é razoável e compreensível que todo mundo tenha ficado horrorizado por eu ter sido a primeira das minhas amigas a ter um filho, mas isso me deixou ofendida. Puxa, fala sério... Qualquer idiota consegue criar uma criança. Vou dar um exemplo: minha mãe. Ela faltou à aula no dia em que distribuíram o livro sobre como ser mãe; precisou apelar para a antiga e brilhante sabedoria do dr. Phil, o psicólogo que dá conselhos na TV. Usou biscoitos chineses da sorte para me educar, e até que eu me tornei normalzinha. Tudo bem, talvez eu não seja o melhor exemplo, mas pelo menos não sou

uma serial killer, e isso conta a meu favor. Daqui a pouco eu falo mais sobre minha mãe.

Suponho que dizer que odeio crianças seja um pouco rude, já que eu me tornei mãe, certo? Para ser franca, isso não é a mesma coisa que dizer que odeio o *meu* filho. Simplesmente detesto, com muito entusiasmo, os pequenos seres humanos choraminguentos, que babam, nariz catarrento, mãos melequentas, que gritam, vomitam, fazem cocôs homéricos que sobem pelas costas, não dormem, pentelham, tumultuam a vida da gente, mas pertencem a *outras* pessoas. Troco uma criança por um gato sem pensar duas vezes. Basta abrir uma latinha de Whiskas, despejar a gororoba no chão ao lado de um balde d'água, sair de férias por uma semana e, ao voltar para casa, encontrar um animalzinho tão entretido em lambar a própria bunda que nem percebeu que você esteve fora. Não dá para fazer isso com uma criança. Bem, talvez dê, mas aposto que a maioria das pessoas desaprova. Aliás, se meu filho pudesse lambar o próprio rabo, eu teria economizado uma montanha de grana com lencinhos umedecidos e fraldas, pode acreditar.

Comentar que eu fiquei meio preocupada em me tornar mãe, devido a essa aversão visceral a partos e bebês em geral, não chega nem perto de descrever a situação. Dizem que quando você tem um filho, na primeira vez em que vê os olhinhos dele se apaixona na mesma hora e o mundo à sua volta desaparece. Também dizem que a pessoa acredita piamente que seu filhinho jamais fará nada de errado na vida e você vai amá-lo incondicionalmente desde o primeiro momento. Bem, quem quer que sejam essas pessoas que “dizem” tudo isso, acho que elas deviam dar um tempo no crack que fumam e parar de despejar merda pela boca como se ouvido fosse penico, enquanto suas vaginas de rosbife fatiado balançam loucamente em suas calcinhas bege de vovó.

No dia em que meu filho nasceu, olhei para ele e perguntei: “Que diabo é isso no meu colo? Ele não se parece nem um pouco comigo!”

Nem sempre é um caso de amor à primeira vista. Os livros de bebê com títulos curiosos como *O que esperar quando você não estava esperando embuchar naquela única vez que transou com um bêbado na festa da faculdade* e outros temas parecidos gostam de deixar de fora essa parte. Às vezes a pessoa é obrigada a aprender a amar os monstros por algum motivo além do fato de eles fornecerem deduções interessantes do Imposto de Renda. A verdade é que nem todos os bebês são uma gracinha ao nascer, por mais que os pais tentem

convencer você do contrário. Essa é outra das meias-verdades que os sacanas gostam de apregoar por aí. Muitos bebês, ao nascer, têm o jeitão de sujeitos velhos; têm a cara toda encarquilhada e enrugada, um monte de manchas senis e são completamente carecas e desdentados.

Quando eu nasci, George, meu pai, levou a foto que tirou na maternidade para mostrar ao seu amigo Tim enquanto minha mãe ainda estava internada. Tim analisou a imagem longamente e disse: “Vou falar numa boa, George: tomara que ela seja inteligente.” Com meu filho Gavin aconteceu a mesma coisa. Ele nasceu com uma cara muito engraçada. Sou mãe dele, então tenho todo o direito de falar. Tinha o maior cabeção; nasceu sem um único fio de cabelo; suas orelhas eram tão viradas para fora que mais pareciam antenas parabólicas. Durante os quatro dias em que eu fiquei internada no hospital, tudo que me passava pela mente quando olhava para o cabeção de Gavin era o personagem de Mike Meyers falando num sotaque estranhíssimo, naquele velho filme de humor negro, *Uma noiva e tanto*: “Ele se acaba de chorar de noite, até dormir apoiado na sua orelha-travesseiro.” “Esses troços espetados na cabeça dele parecem *Sputniks*. Devem ter seu próprio sistema de análise meteorológica.” “Gavin parece uma laranja espetada num palito de dente.”

Acho que ele me ouviu falando dele para as enfermeiras e formulou um plano para se vingar. Aposto que de noite, no berçário, ele e os outros recém-nascidos levavam o maior papo, e até decidiram que era chegada a hora da revolução. *Liberdade para os bebês!*

Sei que eu devia tê-lo mantido comigo no quarto o tempo todo em que estive na maternidade. Mas qual é, galera, eu precisava descansar um pouco! Já que aqueles seriam os últimos dias em que eu conseguiria dormir novamente, planejei aproveitar ao máximo. Mas reconheço que devia ter ficado de olho para ver ao lado de qual bebê eles iriam colocar o bercinho de Gavin. Devia ter percebido que aquele fedelho chamado Zeno seria uma má influência sobre meu filho. Além do mais, quem é que batizaria um recém-nascido de Zeno? Isso é o mesmo que planejar que o filho sofra *bullying* desde o jardim de infância, certo?

Gavin era quietinho, não irritava ninguém e dormia o tempo todo, no hospital. Eu ria na cara dos meus amigos que vinham me visitar e avisavam que ele não seria assim quando fôssemos para casa. Na verdade quem ria era Gavin. Ele acenava seu punho minúsculo no ar para todos os lados, como se

estivesse enfurecido pelos seus irmãos da Nação dos Recém-nascidos. Juro que eu ouvia “Orgulho infantil!” e “Poder para os bebês!”, toda vez que ele fazia ruídos ao dormir.

No instante em que eu o coloquei no carro e rumamos para casa, começou o show. Ele berrou desesperadamente até ficar sem fôlego; parecia uma *banshee* da mitologia celta, e não parou de gritar por mais quatro dias. Eu não tinha ideia de como era o barulho de uma *banshee*, nem mesmo sabia se elas existem. Caso existam, posso garantir que fazem uma zoeira do cacete. Reza a lenda que os gritos delas, às vezes, quebram vidros, e a única parte boa desse sufoco foi o fato de Gavin não berrar desse jeito na hora em que saiu pelas minhas partes pudendas, senão elas ficariam em estado ainda pior que esse rosbife fatiado sem cheddar que sobrou. Todos os livros sobre bebês que foram escritos por mulheres que tiveram os partos mais maravilhosos do mundo dizem que a mãe deve conversar com o bebê quando ele ainda está no útero. Esse foi o único conselho que eu segui, entre todos que eu li nesses livros. Todos os dias eu avisava ao bebê que se ele arruinasse minha genitália eu ia filmar o parto e mostrar para suas futuras namoradas o que acontece com a perseguida das mulheres quando elas trepam, garantindo, assim, que ele nunca conseguiria comer ninguém na vida. Foda-se esse papo de tocar Mozart e ler Shakespeare. Escolhi o método mais apavorante e funcionou.

Todas as minhas ameaças na época uterina funcionaram. O problema é que ele se sentou lá dentro com os braços cruzados durante mais de doze horas e se recusou a entrar no canal. Por mim, tudo bem. Cesariana, aqui vou eu! Por falar nisso, eu toparia na mesma hora ter a barriga cortada novamente se isso me livrasse da parte em que o bebê passa rasgando tudo. De quebra, ainda consegui uma estadia de quatro dias em um local limpo, com tudo incluído, café da manhã, almoço e jantar na cama, mais uma dose básica de morfina que durava vinte e quatro horas e um suprimento de Tramal para um mês no momento da alta.

Antes que eu me empolgue demais elogiando narcóticos legalizados que ajudam a aturar os gritos de fazer sangrar os tímpanos que um recém-nascido emite, talvez fosse uma boa recordar a noite que me colocou nessa furada. Meu horóscopo daquele dia devia ter sido um alerta para as coisas que iriam pintar na minha vida: “Dia legal, ótimo para se dar bem ao surrupiar um monte de gadgets de última geração (além de joias) dos vizinhos que morreram no instante em que você arrombou a casa deles, matou geral e fugiu com a porra toda.”

Não sei que aviso poderia ter sido mais claro que esse, vou te contar! Uma previsão assim não equivale a “mau presságio” escrito em letras garrafais logo na primeira página? Pode uma coisa dessas? A primeira e única vez na vida em que topei uma transa de uma noite só, unicamente para me livrar da carteirinha de “última virgem do pedaço”, engravidei. Podem acreditar, o universo me odeia.

Tinha vinte anos e já estava no segundo ano da faculdade, quase na metade do curso de administração. Tirando a constante zoação de Liz, minha melhor amiga, sobre a situação da minha virgindade, a vida até que era boa. Isto é, boa em termos de estudante universitária, ou seja: eu não tinha doenças venéreas, ninguém colocou Boa Noite Cinderela na minha bebida e, até o fim do semestre, eu tinha escapado de ter que vender meus órgãos para a ciência a fim de pagar pelo bandejão e pelos baseados.

Por falar nisso, vou logo avisando que não tolero uso de drogas ilegais de nenhum tipo. A não ser que o bagulho seja orgânico e que não faça com que eu me sinta tão culpada ao devorar uma caixa inteira de Sucrilhos depois de horas a fio assistindo à *Mister Maker* na TV. “Uma forma que eu sou, lá lá lá lá.” Esse programa também funcionava para acalmar Liz durante as provas finais, de modo que ela conseguia se segurar e não ficava urrando e subindo pelas paredes como um macaco raivoso. Vocês se lembram daquelas campanhas de merda do tipo “Diga não às drogas” que eles nos enfiavam goela abaixo no tempo do ensino médio? Pois é, nós enganamos todo mundo. Não é preciso dizer não, dá para experimentar sem precisar morrer. Mas falando sério, crianças, não usem drogas. NUNCA!

Eu me lembro daquela noite com ternura. E quando eu digo “ternura” é claro que quero dizer um ressentimento atroz por todas as coisas alcoólicas que possuem pênis.



ATENÇÃO!

O Ministério do Humor adverte:

Este livro contém altas doses de cenas irresistivelmente hilárias, sexo alegremente explícito, orgasmos múltiplos, sacanagem da boa, palavrão a dar com o pau, muito deboche e álcool suficiente para embebedar um rinoceronte.

Use-o por sua conta e risco e...

Divirta-se como nunca!

valentina



facebook.com/EditoraValentine
twitter.com/EdValentina

ISBN 978-85-65859-53-0



9 788565 859530